

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

Guilherme de Souza de Oliveira

PROCLAMANDO OU REVELANDO A VERDADE?
A TRADUÇÃO DE NEOLOGISMOS COMO UMA MARCA DE SUBJETIVIDADE

Porto Alegre

2019

Guilherme de Souza de Oliveira

PROCLAMANDO OU REVELANDO A VERDADE?
A TRADUÇÃO DE NEOLOGISMOS COMO UMA MARCA DE SUBJETIVIDADE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Porto Alegre
2019

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Guilherme de Souza
Proclamando ou Revelando a Verdade? A tradução de
neologismos como uma marca de subjetividade /
Guilherme de Souza Oliveira. -- 2019.
37 f.
Orientador: Valdir do Nascimento Flores.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Neologia. 2. Enunciação. 3. Tradução. 4. Duna.
5. Marcas de subjetividade. I. Flores, Valdir do
Nascimento, orient. II. Título.

Guilherme de Souza de Oliveira

PROCLAMANDO OU REVELANDO A VERDADE?
A TRADUÇÃO DE NEOLOGISMOS COMO UMA MARCA DE SUBJETIVIDADE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Aprovado em: 15 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Carmen Luci da Costa Silva
(UFRGS)

Me. Sara Luiza Hoff
(UFRGS)

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores
Orientador (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha família, principalmente aos meus pais, Manoel Antonio e Maria José, por me darem todo o incentivo de que precisei. Em especial, sou eternamente grato a minha mãe, que sempre quis ter um filho médico, mas nunca criticou ou questionou minhas escolhas acadêmicas e continuamente me incentiva a continuar estudando.

Agradeço também a todos os meus amigos e amigas que me aturaram por todo esse tempo. Especialmente às minhas colegas de apartamento, Bruna, Daniele e Mariana, que viveram comigo todo o drama da graduação, principalmente os dramas do presente trabalho! Obrigado aos colegas que caminham ao meu lado, aos que caminham à frente e aos que estão um pouco atrás. Lembrem-se sempre: o importante é terminar a corrida!

Obrigado aos professores da graduação. Obrigado por me mostrarem as diferentes formas de enxergar este fenômeno tão complexo e intrigante que é a linguagem. Eu não estaria aqui sem seus conhecimentos!

Agradeço imensamente ao meu orientador, Valdir, que não desistiu de mim apesar do meu péssimo hábito de reclusão e sempre me deu forças nos momentos mais difíceis desta caminhada. A tua megalomania é o que alimenta as minhas ideias criativas!

E, por último, mas não menos importante, agradeço a mim mesmo! A caminhada foi penosa, mas infinitamente mais tranquila acompanhado de tanta gente especial.

Enfim este capítulo se encerra.

“The mystery of life isn't a problem to solve, but a reality to experience”

(HERBERT, 1965, p. 50)

RESUMO

O presente trabalho procura mostrar como a tradução de neologismos pode ser entendida como uma marca de subjetividade do tradutor, através da análise de duas traduções do livro *Duna* de Frank Herbert. Para tal, primeiramente define-se neologismo e apresenta-se a classificação dada por Alves (1994) e Carvalho (1984), discute-se tradução e neologia, além dos textos de Benveniste (1991;2006), para que as análises das traduções sejam feitas. O livro escolhido, *Duna*, publicado em 1965, é um marco na literatura de ficção científica e traz muitos neologismos. No Brasil, o livro foi primeiramente traduzido por Jorge Luiz Calife em 1984 e, em 2010, foi traduzido por Maria do Carmo Zanini. Foram escolhidos seis exemplos de neologismos para uma análise qualitativa à luz da teoria enunciativa. Depois de analisados os exemplos retirados do livro usando as teorias apresentadas, conclui-se que o neologismo pode ser entendido como um procedimento acessório, sendo assim uma marca de subjetividade do tradutor.

PALAVRAS-CHAVE: Neologia. Enunciação. Tradução. *Duna*. Marcas de subjetividade.

ABSTRACT

In this paper, we explore how the translation of neologisms can be understood as a mark of the translator's subjectivity, through the analysis of two translations of the book *Dune* by Frank Herbert. In order to do that, we first define neologism and present the classification given by Alves (1994) and Carvalho (1984), we discuss translation and neology, and briefly introduce Benveniste (1991, 2006) to perform the translation analysis. The selected book, *Dune*, published in 1965, is a landmark in science fiction literature and has many neologisms. In Brazil, the book was first translated by Jorge Luiz Calife in 1984, and, in 2010, it was translated by Maria do Carmo Zanini. We chose six examples of neologisms to make a qualitative analysis. After analyzing the examples taken from the book using the presented theories, we conclude that the neologism can be understood as an accessory procedure, thus being a mark of the translator's subjectivity.

KEYWORDS: Neology. Enunciation. Translation. *Dune*. Marks of subjectivity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Traduções neológicas de Jorge Luiz Calife.....	30
Quadro 2 — Traduções neológicas de Maria do Carmo Zanini.....	31
Quadro 3 — Traduções dos neologismos.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 NEOLOGISMO: ASPECTOS GERAIS	12
1.1 NEOLOGISMO FORMAL.....	13
1.1.1 Neologismo fonológico.....	13
1.1.2 Neologismo morfossintático.....	14
1.1.3 Neologismo semântico.....	16
1.2 NEOLOGISMO POR EMPRÉSTIMO.....	16
2 UMA INTRODUÇÃO À TRADUÇÃO NEOLÓGICA	18
2.1 OS PRINCÍPIOS DA BOA TRADUÇÃO NEOLÓGICA.....	19
3 EXPLORANDO A TEORIA ENUNCIATIVA DE BENVENISTE	21
3.1 BREVE INTRODUÇÃO À ENUNCIÇÃO.....	22
3.2 O APARELHO FORMAL DA ENUNCIÇÃO: UMA APRESENTAÇÃO....	22
3.2.1 Índices específicos.....	23
3.2.2 Procedimentos acessórios.....	25
3.3 ENUNCIÇÃO E TRADUÇÃO.....	25
3.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	26
4 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES	27
4.1 METODOLOGIA DE COLETA DOS NEOLOGISMOS.....	28
4.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS NEOLOGISMO.....	29
4.3 A PRIMEIRA TRADUÇÃO.....	29
4.4 A SEGUNDA TRADUÇÃO.....	31
4.5 AS MARCAS DOS TRADUTORES.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Criamos palavras novas o tempo todo, seja para gerar humor, seja por interferência de uma segunda língua falada, seja por qualquer outro motivo. O fato é que criamos palavras com palavras. O nome desse processo é *neologia* e ele não é exclusivo da conversação do dia a dia. A literatura, por exemplo, utiliza muito dessa ferramenta para efeitos estéticos e até mesmo para efeitos terminológicos. Quando um livro de ficção científica, gênero rico em neologismos, é traduzido, um cuidado especial é tomado com esses termos. E é o neologismo, no âmbito da literatura de ficção científica — especificamente a sua tradução —, que constitui o centro de interesse do presente trabalho.

Em linhas gerais, pretendemos apresentar, a seguir, um estudo sobre a tradução de neologismos, entendidos como uma marca de subjetividade (cf. BENVENISTE, 2006) do tradutor. Para tanto, selecionamos para análise duas traduções de um mesmo livro, *Duna* de Frank Herbert (1920-1986). No Brasil, o livro foi primeiramente traduzido por Jorge Luiz Calife e lançado em 1984 pela editora Nova Fronteira; e em 2010¹, foi traduzido por Maria do Carmo Zanini e lançado pela editora Aleph.

Duna é considerado um dos mais importantes livros de ficção científica (*sci-fi*) de todos os tempos, tendo sido premiado² e objeto de algumas adaptações para a televisão e o cinema. Diferentemente de outros romances de ficção científica, *Duna* apresenta um texto político, que trata de assuntos polêmicos como religião, política e diferenças culturais. O contexto em que Frank Herbert estava quando escreveu o livro é visível no enredo, já que, em 1965, o petróleo era a riqueza que controlava o mercado mundial. A *mélange*, especiaria de extrema importância na história, é uma clara alegoria ao petróleo, e os *fremen*, povo do deserto, aos habitantes do Oriente Médio (rico em petróleo), uma vez que em seu idioma há palavras de origem persa e árabe.

Sua história se passa em um universo no futuro longínquo (mais de oito mil anos), em que os seres humanos saíram da Terra e povoaram outros planetas. Nesse universo, existe um produto valioso, a *mélange*, que só é produzida em um planeta totalmente deserto, Arrakis, ou como foi apelidado, Duna. Acompanhamos então a história de Paul Atreides que é o menino que foi profetizado para salvar os *fremen*, humanos que povoam Arrakis há séculos.

¹ A primeira edição da tradução da Aleph é de 2010, usamos como referência a segunda edição, de 2017.

² Em 1966, empatou com *This Immortal* de Roger Zelazny no Hugo Award, e ganhou o Nebula Award inaugural como *Best Novel*.

Para levar adiante nosso objetivo principal de desenvolver um estudo enunciativo da tradução de neologismos, inicialmente (cf. Capítulo 1) discutimos as noções de neologismo a partir do exame da classificação proposta por Alves (1994). Nesse capítulo, definimos neologismo também com o auxílio do apresentado por Carvalho (1984).

No segundo capítulo, introduzimos algumas visões acerca do neologismo no âmbito da tradução. Apresentamos exemplos assim como o tratamento que recebem na tradução, segundo exposto por Reuillard e Bevilacqua (2012).

Já no terceiro capítulo, como forma de fundamentar a ideia segundo a qual o neologismo é uma marca de subjetividade na tradução, trazemos noções gerais da teoria enunciativa de Émile Benveniste (1991; 2006). A partir disso, fazemos o esboço de uma proposta enunciativa de entendimento da neologia na tradução.

Por fim, propomos análises (cf. Capítulo 4) de algumas ocorrências de neologia retiradas do livro *Duna* de Frank Herbert. Com as ferramentas teóricas aqui reunidas, esperamos mostrar os termos pelos quais a tradução de neologismos pode ser pensada como uma marca de subjetividade do tradutor.

A conclusão do trabalho indica, a partir da análise, que os exemplos selecionados, podem ser entendidos como parte do que Benveniste (2006) nomeou “procedimentos acessórios” da enunciação, ao elaborar o trabalho seminal “O aparelho formal da enunciação”.

1 NEOLOGISMO: ASPECTOS GERAIS

Neste capítulo, abordamos a definição e a classificação de neologismo. Nossa intenção é demonstrar, com base em exemplos, as principais características definidoras dos diferentes tipos de neologismo para que possamos compreender melhor o fenômeno.

Conforme Alves (1994), a língua, como algo vivo e dinâmico, está sempre se alterando, se renovando, se reinventando; um fator que demonstra isso é a neologia, processo de criação lexical — de *νέος* [*néos*] “novo” e *λόγος* [*lógos*] “palavra”. Esses novos itens lexicais, segundo a autora, também conhecidos como neologismos, podem ser tanto palavras geradas pelos mecanismos de uma língua como itens incorporados de outros idiomas (por várias razões).

Richards, Platt e Platt (1992, p. 244), por sua vez, definem neologismo como “uma nova palavra ou expressão que venha a existir em uma língua.”³ Essa definição é bastante abrangente e os autores não tentam classificar o fenômeno. Não se tem claro, nesse caso, se os autores consideram empréstimo uma forma de criação neológica, por exemplo. Na continuidade de sua reflexão Richards, Platt e Platt (1992) explicam as dificuldades implicadas no reconhecimento do momento em que um neologismo foi criado. Para eles, somente podemos estimar uma data, que nunca será exata.

Dubois *et al* (1978), o reconhecido lexicógrafo francês, apresenta definição e classificação em seu *Dicionário de linguística*:

Neologia é o processo de formação de novas unidades léxicas. [...] Distinguem-se *neologia de forma* e *neologia de sentido*. Nos dois casos, trata-se de denotar uma realidade nova [...]. A neologia de forma consiste em fabricar, para fazê-lo, novas unidades; a neologia de sentido consiste em empregar um significante que já existe [...] (DUBOIS *et al.*, 1978, p. 430-1)

Como podemos ver, Dubois *et al.* (1978) divide o neologismo em dois tipos — além de incluir o empréstimo explicitamente⁴ — e discorre sobre como esse fenômeno é raro e pouco aceito em francês. A raridade do fenômeno nos parece estranha, já que gírias, muito presentes na fala (principalmente dos jovens), seriam neologismo dentro de sua definição; já a pouca aceitabilidade é atestável pela demora da entrada de neologismos nos dicionários ou mesmo em seu uso na linguagem formal.

³ “*a new word or expression which has come into a language.*” (RICHARDS; PLATT; PLATT, 1992, p. 244, tradução nossa)

⁴ Na definição do neologismo de forma, Dubois *et al.* (1978) afirma que o empréstimo pode ser pensado como tal.

Carvalho (1984) apresenta uma distinção que, segundo pensamos, pode ser muito útil para a realidade à qual estamos nos dedicando (a neologia na tradução). A autora considera dois tipos de neologismo: o *formal* e o *empréstimo*. No primeiro caso, trata-se de uma criação da própria língua, respeitando suas regras de derivação, forma etc.; no segundo caso, trata-se de uma palavra emprestada de um idioma para o outro.

Em todos os casos, porém, independentemente da classificação que receba, percebe-se que a dinamicidade e velocidade da mudança linguística não vão de par com os registros formais do léxico nos dicionários. O fato é que há certa demora para que essas novas formas sejam registradas. Após o registro, muitos neologismos deixam de ser vistos como algo novo e corruptor⁵, por já terem sido “incorporados”⁶ à língua.

Isso posto, e tendo em vista a diversidade conceitual ligada ao fenômeno da neologia, decidimos, em função dos objetivos da presente pesquisa, aliar a distinção de Alves (1994) à proposta de Carvalho (1984). A seguir, com base nessas autoras, passamos a especificar em detalhe o fenômeno em exame.

1.1 NEOLOGISMO FORMAL

A criação neológica raramente acontece do nada. Geralmente, ela se dá através de sufixações, derivações, composições e outros; existindo vários processos que podem gerar uma nova palavra. Chamamos esse tipo de criação de neologismo formal porque ele surge dentro das regras da língua, ou seja, usando as formas já existentes, e, geralmente, sem empréstimos vindos de outros idiomas. De acordo com Alves (1994), há três tipos de neologismos formais: o *fonológico*, o *morfo sintático* e o *semântico*.

1.1.1 Neologismo fonológico

Este tipo de formação é o mais raro de todos. Ele pressupõe uma criação completamente nova ou uma alteração sonora em uma palavra. Alves (1994) apresenta três exemplos encontrados em seu *corpus* de trabalho: *tchurma*, *bebemorar* e *xou*. A primeira é usada ao invés de *turma* para causar certo efeito de comicidade no enunciado; a segunda foi

⁵ Por exemplo, o verbo deletar, amplamente utilizado em 2019, tem sua origem no empréstimo do inglês, *to delete*, que significa apagar, remover. Sua primeira aparição em um dicionário brasileiro, em meados dos anos 1970, trazia uma advertência: “palavra a evitar”; aparentemente o aviso foi em vão. Novas palavras aparecem e somem o tempo todo, algumas acabam ficando por mais tempo que outras.

⁶ Entre aspas porque não acreditamos que uma palavra seja incorporada à língua apenas quando é dicionarizada.

criada, por uma associação entre os verbos *comer* e *beber*, em analogia a *comemorar*; já a terceira é uma inovação (apenas no nível ortográfico, sem alteração do som) criada por causa da grande popularidade de um programa televisivo, o *Xou da Xuxa*.

A autora cita, ainda, algumas palavras inteiramente novas que não possuem etimologia clara, mas que são de origem gíria, *escambau* e *tcham*, apenas para exemplificar a dificuldade da criação *ex nihilo*.

Pensando no caso da literatura, podemos encontrar formações desse tipo quando um nome próprio, de cidade, de nação ou de etnia, é criado. Por exemplo, em *Duna*, o nome Arrakis, o planeta desértico, não possui uma etimologia clara⁷ e possivelmente é uma palavra criada do zero por Frank Herbert.

1.1.2 Neologismo morfossintático

Nesta categoria, estão incluídas as palavras criadas por sufixação e derivação. Diferentemente do neologismo fonológico, os morfossintáticos pressupõem a combinação de palavras e sufixos pré-existentes. Alves (1994) chama esta categoria de *neologismo sintático*, decidimos utilizar o nome *morfossintático* porque nos parece uma classificação mais abrangente para os exemplos, já que eles acontecem no nível morfológico, mas também podem afetar o nível da função das palavras, ou seja, sintático. Podemos dividir essa classe em *derivados*, *compostos*, *compostos sintagmáticos* e *compostos formados por siglas ou acrônimos*.

Os derivados são palavras criadas por *sufixação*, quando uma palavra é acrescida de sufixo; *prefixação*, de prefixo; e *parassíntese*, dos dois ao mesmo tempo (por exemplo, *apalhaçar*, criada a partir de *a- palhaço -ar*). Esse é um dos modos mais produtivos de neologia no português brasileiro, inclusive formando novos termos a partir de outros neologismos, como é o caso de *floodar* — empréstimo do inglês (*flood*) acrescido do sufixo *-ar* —, verbo muito conhecido pela geração mais nova, acostumada com a internet, que significa basicamente “encher de mensagens”.

Além disso, o português brasileiro já possui uma variedade de sufixos e prefixos (-ado, -ação, sem-, recém-, pré-, pós- etc.) e novos itens ainda podem ser criados por meio de analogia.

⁷ Entretanto, não podemos afirmar com certeza. Algumas possíveis etimologias são discutidas por fãs; vide: <https://dune.fandom.com/wiki/Arrakis#Behind_the_Scenes>.

Por exemplo, em analogia à Petrobrás, Alves (1994) encontra em seu *corpus* “sanguebrás”, ou seja, cria-se um sufixo -brás utilizado para designar empresas brasileiras.

Outro importante aspecto dos derivados é a mudança de classe que alguns afixos podem causar. As criações *não-violentos*, *sem-teto*, *hiperinflação*, *recém-divulgados*, *favelização*, exemplos elencados por Alves (1994), são resultados de derivação que mantém a classe e mesma função da palavra-base. Em contraste, *anti-petróleo* e *pós-Carnaval*, que têm base substantiva, são neologismos pertencentes à classe dos adjetivos. Para melhor entendimento, usamos o exemplo: *momento petróleo* é agramatical, já *momento anti-petróleo* é uma boa construção.

Os compostos são criados a partir da junção de duas (ou mais) palavras, geralmente ambas autônomas, que sozinhas possuem um significado, mas que justapostas⁸ geram um novo significado independente, por exemplo *curta-metragem*, tipo de filme, e *capa-e-espada*, gênero literário. Alves (1994) divide essa classe em outros três tipos: composição *subordinativa*, *coordenativa* e *sintagmática*.

Os tipos subordinativo e coordenativo dizem respeito ao tipo de relação que os termos envolvidos na neologia possuem entre si. *Político-galã* é classificado como composição subordinativa, pois o termo galã aparece aqui como um adjetivo de político; já outono-inverno é uma composição coordenativa porque as duas bases “possuem a mesma distribuição” (ALVES, 1994, p. 44).

Já os compostos sintagmáticos são criados quando “membros integrantes de um segmento frasal se encontram numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica” (ALVES, 1994, p. 50), como por exemplo *farmácia de manipulação*, *produção independente* e *meio ambiente*.

E, por último, os compostos formados por siglas ou acrônimos são palavras criadas a partir da sufixação de siglas ou acrônimos, formação muito comum em textos políticos — por exemplo *pemidebismo*, a partir de PMDB e *petista*, de PT. Esse tipo não é considerado uma derivação, pois primeiramente há uma ação de lexicalização da sigla/acrônimo para então sofrer afixação.

O neologismo morfossintático é o tipo mais fácil de ser compreendido por uma grande população de falantes, porque ele amplia e combina o sentido de termos pré-existentes (diferente do fonológico, que geralmente cria um sentido). Justamente por causa dessa fácil

⁸ O modo de representação gráfica da justaposição dos termos integrantes depende do acordo ortográfico vigente. Por exemplo, o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa alterou a grafia de “para-quedas” para “paraquedas”.

compreensão, ele é o tipo que apresenta a mais fácil propagação. Mesmo alguém que esteja aprendendo a língua pode criar palavras por derivação ou composição e compreendê-las também. Quando o então ministro do Trabalho, Antonio Rogério Magri, em seu discurso sobre greve cunhou a palavra *imexível*, todos os brasileiros o compreenderam, apesar de nem todos terem concordado com a inovação.

1.1.3 Neologismo semântico

O último tipo de neologismo formal é o semântico. Geralmente acontece em contextos gíriáticos, nos quais um grupo usa uma palavra com um sentido completamente novo ou mesmo eufemisticamente. Esse tipo amplia os diferentes sentidos de uma palavra, e a diferenciação dos significados acontece principalmente em contextos específicos; como *cara*, que tem diferença de gênero (*o cara e a cara*) e sentidos completamente diferentes. Outro exemplo bem conhecido é o do termo *baixinho*, cunhado pela apresentadora de TV Xuxa em seu auge e que dura até hoje. Baixinho tornou-se sinônimo de criança.

Além dos neologismos formados por itens lexicais de uma língua, itens de outras línguas são usados no dia a dia e, às vezes, acabam dicionarizados. Na próxima seção trataremos desse tipo de neologismo, conhecido como empréstimo.

1.2 NEOLOGISMO POR EMPRÉSTIMO

Termos técnicos, gírias e nomes de produtos novos são muitas vezes empréstimos de outras línguas. Temos vários exemplos de empréstimos dicionarizados que a maioria dos falantes nem reconhece mais como tal: abajur, xis, almofada, alface, entre outros. Muito além do contexto técnico, o empréstimo é uma realidade comum em comunidades de falantes bilíngues, como nas fronteiras de países com línguas diferentes ou em bairros/cidades formadas majoritariamente por imigrantes.

Segundo Alves (1994), a “fase propriamente neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando está se integrando à língua receptora, integração essa que pode manifestar-se através de adaptação gráfica, morfológica ou semântica.” *Mouse*, apesar de parecer totalmente integrado ao vocabulário do português brasileiro como um termo específico da Informática⁹,

⁹ Mouse: *sm. Inf.* Acessório dotado de um ou mais botões, us. para controlar o cursor na tela de monitor, indicando e selecionando opções, abrindo arquivos, programas etc. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/mouse>>.

ainda consta como estrangeirismo no VOLP, diferentemente de abajur, já dicionarizado; como podemos perceber, existe uma grande demora para a dicionarização dos termos.

Outro exemplo interessante vem de um dos *eSports* mais conhecidos e praticados do momento, o *League of Legends* (LoL). A comunidade brasileira de LoL tem seu próprio vocabulário cheio de palavras estrangeiras, como *ward* ou — o verbo derivado dela — *wardar*¹⁰. Essas duas palavras não são dicionarizadas, mas são amplamente conhecidas e utilizadas pela comunidade de jogadores e telespectadores de LoL, inclusive por quem não sabe falar inglês (língua de origem da palavra *ward*), porque, quando o jogo foi lançado, não existia uma tradução brasileira. Essa é uma palavra estrangeira que foi absorvida pelos falantes de português brasileiro que conhecem LoL, criando um conceito através de um empréstimo, além de ser a origem de outro neologismo, *wardar*, uma derivação pelo acréscimo do sufixo -ar com mudança de classe, de substantivo para verbo.

A Literatura possui muitos casos de neologia, como o conhecido autor brasileiro Guimarães Rosa, que utiliza esse recurso extensivamente em suas obras — alguns exemplos são nonada, circuntristeza, enxadachim. Ademais, nem só o cânone expande o vocabulário brasileiro, livros populares de fantasia e ficção científica são famosos por terem um grande vocabulário neológico que o leitor precisa apreender para entender a história. Tendo explorado as diferentes classificações de neologismo, podemos passar agora a entender como a tradução lida com esse acontecimento linguístico.

¹⁰ *Wardar* significa colocar um *ward*, ou sentinela, no campo de batalha.

2 UMA INTRODUÇÃO À TRADUÇÃO NEOLÓGICA

Neste capítulo, exploraremos o neologismo dentro da tradução, citando casos nos quais o tradutor pode ter certa dificuldade, além de mostrar casos clássicos de tradução de neologismo. Mas antes de falarmos sobre tradução de neologia, cabe uma pequena definição do que entendemos como tradução.

Para nós, existe um processo importante de leitura por parte do tradutor antes da tradução propriamente dita. Entendemos então que durante o processo tradutório existe uma compreensão da parte do tradutor, sendo ele a pessoa que depreende sentidos variados do texto, e escolhe quais deles passará para o seu próprio texto, a tradução, ou seja, o texto de partida possui muitos sentidos possíveis, mas quem faz sentido dele é o tradutor/leitor. Esclarecemos também que não é objetivo do nosso trabalho discutir as diferentes definições que o termo tradução tomou ou tenha tomado através do tempo, apenas sentimos que essa simples distinção seja feita.

Como já explanado, o campo da neologia é muito fértil, seja na Informática, na qual termos técnicos surgem com a mesma velocidade com que surgem os avanços tecnológicos, seja na Literatura, na qual autores criam palavras às vezes para expressar novos sentimento, às vezes novos objetos de uma realidade diferente. Cabe aos tradutores, de manuais ou de livros, tomarem decisões e criarem estratégias quando se deparam com essa situação.

Reuillard e Bevilacqua (2012) trazem à discussão as descobertas de dois pesquisadores belgas, Hermans e Vansteelandt, que elencaram as duas principais estratégias usadas por tradutores: a) traduzir o neologismo por um sintagma; e b) priorizar o significante da língua de partida ao invés do significado; isto é, dar prioridade ao sentido ou à forma.

Segundo os autores belgas, para criar bons neologismos, o tradutor deve afastar-se da maneira como a noção é expressa na língua de partida, considerar todos os aspectos e todas as dimensões da noção ou do referente, e usar o aspecto ou a dimensão que melhor convir ao discurso, aos hábitos lingüísticos e terminológicos da língua de chegada. Desse modo, recorrerá menos aos decalques e encontrará melhores soluções que as paráfrases. (REUILLARD; BEVILACQUA, 2012, p. 16)

Entende-se então que o profissional da tradução deve entender o neologismo de partida, além de compreender como ele foi formado, e criar um termo na língua de chegada sem ater-se às regras da língua de partida, mas considerar as regras da língua de chegada, ou seja, criar um neologismo que funcione completamente na sua língua sem depender de conhecimentos da língua estrangeira.

2.1 OS PRINCÍPIOS DA BOA TRADUÇÃO NEOLÓGICA

Além de discorrerem sobre as estratégias usuais dos tradutores, os pesquisadores belgas também elencam o que eles entendem como os três princípios para uma boa tradução neológica:

- 1) “não se traduz de uma língua para outra. O tradutor não busca sistematicamente equivalentes para todos os termos do texto a ser traduzido (nunca traduz palavra por palavra)” (HERMANS; VANSTEELANDT, 1999, p. 38, apud REUILLARD; BEVILACQUA, 2012, p. 16);

Esse princípio diz respeito a uma visão de como se faz tradução, na qual o objetivo é transmitir o sentido de uma língua para a outra. O tradutor não é um dicionário bilíngue de equivalências, ele não traduz uma palavra de cada vez, mas os sentidos possíveis do texto de partida, o que abre precedente para que nem sempre se crie um termo e sim uma paráfrase, a não ser que a neologia seja “útil para a transmissão correta da mensagem” (REUILLARD; BEVILACQUA, 2012, p. 16).

- 2) o tradutor deve respeitar as leis de neologia da área a qual pertence o texto;

Esse princípio é muito importante em traduções técnicas, pois diz respeito às regras de formação neológica dos campos do conhecimento específicos. Por exemplo, se um neologismo das Ciências Naturais está sendo traduzido, o tradutor deve saber que nessa área usam-se palavras de origem greco-latinas e utilizá-las na hora de criar o termo na língua de chegada. Porém, ele também se aplica à literatura popular, pois o tradutor deve estar ciente de como aquele neologismo se encaixa na realidade criado pelo autor.

- 3) “o tradutor deverá ser conservador e seguir as vias traçadas pela língua. Além disso, os neologismos devem oferecer a possibilidade de engendrar derivados” (REUILLARD; BEVILACQUA, 2012, p. 16).

Esse último princípio diz respeito à coerência da língua. Significa que o neologismo criado na língua de chegada precisa enquadrar-se nas regras do idioma, assim como fazer sentido na classe gramatical na qual foi colocado para que a derivação possa ocorrer naturalmente.

Para exemplificar esses conceitos, as autoras discutem a tradução de um termo de Lacan, autor que produziu muitos neologismos em suas obras criando grandes desafios para

seus tradutores. A palavra escolhida, *hainamoration*, foi criada a partir da junção de *haine* (ódio) e *amour* (amor), ambas do francês, e em uma relação analógica com *énamoration* (algo como “enamoração”); e elas argumentam que “caberá ao tradutor que com ela se deparar preservar os sentidos opostos de ódio e amor, mas também o sentido de ato ou resultado de se enamorar” (REUILLARD; BEVILACQUA, 2012, p. 17). A tradução consagrada em português brasileiro é *amódio*, que evoca a contraposição de amor e ódio, mas não apresenta a analogia do original.

Outro exemplo famoso de neologismo aparece em Harry Potter. O *Knight Bus*, ônibus que salva os bruxos da história, teve seu nome traduzido para Nôitibus Andante. Em inglês, há a composição com as bases *knight* (cavaleiro) e *bus* (ônibus), com a adição de um trocadilho: *knight* e *night* (noite) são pronunciadas do mesmo modo. Em português brasileiro, a tradutora tentou manter o trocadilho, usando uma estratégia diferente: juntou noite e ônibus na mesma palavra e acrescentou andante ao nome, para lembrar-nos de *cavaleiro andante*.

Percebemos, então, como a tradução de neologismos exige muita atenção e conhecimento, tanto linguístico como cultural e terminológico da área, como toda tradução, mas também aparenta ser um processo que demanda criatividade e tomada de decisão do tradutor. No próximo capítulo, discorreremos sobre as marcas de subjetividade da a teoria enunciativa de Benveniste e como podemos identificar o neologismo como uma dessas marcas.

3 EXPLORANDO A TEORIA ENUNCIATIVA DE BENVENISTE

Neste capítulo, buscamos discutir os aspectos principais da teoria enunciativa de Benveniste (1991; 2006), em especial, sua discussão em torno das questões relativas à subjetividade na linguagem, para, a partir disso, propor alguns pontos de relação entre a enunciação e a tradução, tendo em vista o fenômeno da neologia.

Além de ter produzido no campo da Linguística, Benveniste estudou e escreveu muitos textos em diversas áreas do conhecimento durante sua vida, como Antropologia, Filosofia, Psicanálise, entre outras. Estima-se que “ele tenha escrito 18 livros, quase 300 artigos, mais de 300 resenhas e 34 comunicações, entre outras publicações” (FLORES, 2013, p. 21).

Neste trabalho, nos ateremos aos textos publicados nos dois volumes intitulados de *Problemas de Linguística Geral* — o primeiro volume foi publicado no Brasil em 1976 e o segundo, em 1989 —, que apresentam as noções de subjetividade na linguagem e enunciação. Esses dois volumes, apesar de tratarem sobre o mesmo assunto, a linguagem, têm textos que são muito diferentes entre si por dois motivos principais: 1) não são unos em seus temas; e 2) não foram produzidos na mesma época e sim durante um longo espaço de tempo, como nos explica Flores (2013):

A teoria enunciativa benvenistiana pode ser lida em, no mínimo, três grandes momentos, e o recurso a cada um deles apresenta possibilidades distintas de fazer teoria e análise dos fatos linguísticos:

- 1) O momento da distinção pessoa/ não pessoa. [...]
- 2) O momento da distinção semiótico/semântico. [...]
- 3) O momento da formulação da ideia de *aparelho formal da enunciação*. (FLORES, 2013, p. 25-26)

Para nosso trabalho, nos focaremos no terceiro momento da teoria, a formulação do aparelho formal da enunciação. Acreditamos que esse é o momento teórico mais adequado para utilizarmos porque ele apresenta a “síntese da teoria enunciativa” e “condensa os cerca de trinta anos de reflexão sobre enunciação” (FLORES, 2013, p. 26). Além disso, precisamos abordar alguns textos do primeiro momento, pois neles são apresentados termos e conceitos que embasam o desenvolvido do *aparelho*. Entretanto, para discutirmos o aparelho formal, primeiro precisamos entender o que é enunciação.

3.1 BREVE INTRODUÇÃO À ENUNCIACÃO

Para Benveniste (1991), a linguagem — a faculdade, não a língua individual de cada um — não é um instrumento do ser humano, como um machado ou pá, que ele usa para atingir um objetivo, no caso, a comunicação. Não há um momento em que o humano está separado da linguagem, ela é tão natural quanto ele.

Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 1991, p. 285)

Então, o homem não existe sem linguagem. É através dela que ele se entende como tal e entende o outro também, numa relação de contraste complementar. Aqui já podemos perceber alguns dos pontos mais importantes da teoria: a subjetividade e a interlocução.

A subjetividade é observável porque o ser humano se torna sujeito ao tomar a linguagem para enunciar e a interlocução porque ele sempre enuncia para alguém. Ele se apropria da linguagem para enunciar e se enunciar, o que deixa marcas no que foi enunciado. Além disso, o ato de enunciar é único e individual.

Cada vez que alguém toma a linguagem e se enuncia como *eu*, o ato se atualiza. Logo, “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Cada vez que alguém fala, o eu é atualizado e ganha um novo significado, como discutiremos melhor na próxima seção.

A partir da compreensão desses conceitos, podemos discutir as marcas e como elas são identificáveis nos enunciados.

3.2 O APARELHO FORMAL DA ENUNCIACÃO: UMA APRESENTAÇÃO

Em seu último texto publicado sobre Enunciação, Benveniste introduz uma importante distinção: entre o emprego das formas e o emprego da língua. Esse emprego das formas é a descrição linguística, que se “restringe à investigação das regras que fixam as condições sintáticas, das possibilidades paradigmáticas, das regras da formação, [...] entre outras relações do âmbito da forma linguística” (FLORES, 2013, p. 163). Já o emprego da língua é “um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira”

(BENVENISTE, 2006, p. 82). O autor não tira a importância do emprego das formas, só ressalta que o emprego da língua vai além disso e é um dos focos do texto.

Adiante, para estudarmos o emprego da língua, podemos nos debruçar sobre três aspectos: o vocal, o da semantização e o do quadro formal de realização. Não entraremos em detalhes sobre os dois primeiros aspectos aqui, pois, assim como Benveniste em seu texto *O aparelho formal da enunciação*, nosso foco principal é o terceiro aspecto.

O aparelho formal é o conjunto de caracteres que compõem a enunciação, uns sendo “necessários e permanentes, os outros incidentais e ligados à particularidade do idioma escolhido” (BENVENISTE, 2006, p. 83). Importante notar aqui que o autor divide os caracteres que são inerentes à linguagem, os *índices específicos*, dos que são particulares da língua, os *procedimentos acessórios* — que, apesar de serem chamados de acessórios, não são menos importantes.

Para a realização da enunciação, entendemos então que são necessários alguns instrumentos, mas como podemos diferenciá-los entre si? Aqui entra a importância dos textos do primeiro momento da teoria benvenistiana. Os índices específicos são três: “os índices de pessoa (eu-tu), os índices de ostensão de espaço (este, aqui) e as formas temporais (do presente da enunciação)”; já os procedimentos acessórios “estão ligados à singularidade que cada enunciação evoca, portanto, à língua toda” (FLORES, 2019, p. 159). Nas próximas seções, discutiremos esses dois conceitos.

3.2.1 Índices específicos

Primeiramente, é importante discutirmos signos plenos e signos vazios. Os plenos são os signos que têm referência mais ou menos clara, como *árvore* ou *alegria*, que apesar de não terem imagens mentais idênticas na cabeça de todas as pessoas, ainda são facilmente identificáveis; já os vazios são aqueles que só se preenchem no momento da enunciação, como *eu* e *agora*, o primeiro sendo a pessoa que enuncia, ou seja, é sempre variável, e o segundo sendo o momento em que o enunciado é feito, também variável.

Em seguida, precisamos definir as categorias de pessoa e não pessoa. Usualmente, o estudo gramatical tradicional define apenas uma categoria, a de pessoa, que possui três instâncias: eu (quem fala), tu (para quem se fala) e ele (de quem se fala). Benveniste (1991), em *A natureza dos pronomes*, tece uma crítica a essa tradição; segundo ele, *eu* e *tu* são as pessoas do discurso, são *signos vazios* que se tornam plenos quando um indivíduo toma a língua e enuncia, diferente de *ele* que referencia um objeto dentro do próprio discurso, ou seja, não é subjetivo, é a não pessoa.

A definição pode, então, precisar-se assim: eu é o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística *eu*”. Conseqüentemente, introduzindo-se a situação de alocação, obtém-se uma definição simétrica para tu, como o “indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística *tu*”. Essas definições visam eu e tu como uma categoria da linguagem e se relacionam com a sua posição na linguagem (BENVENISTE, 1991, p. 279). É importante também ressaltar que eu e tu aqui são usados como nomenclatura, não estamos dizendo que todas as línguas possuem exatamente um eu e um tu, algumas línguas possuem mais de uma palavra para essas categorias, como o japonês, que possui mais de dez formas diferentes de dizer “eu”.

Ademais, esses dois papéis são intercambiáveis em um diálogo, o locutor enuncia e depois se torna alocutário e assim por diante. Podemos inclusive dizer que ambos existem mesmo quando alguém está falando sozinho, ou em um monólogo, pois o eu ouvinte intervém com uma objeção, uma questão, uma dúvida, um insulto.

A forma lingüística que esta intervenção assume difere segundo os idiomas, mas é sempre uma forma “pessoal”. Ora o eu ouvinte substitui o eu locutor e se enuncia então como “primeira pessoa”; [...] [“Não, eu sou um idiota, esqueci de te dizer que...”]. Ora o eu ouvinte interpela na “segunda pessoa” o eu locutor: [...] [“Não, tu (você) não deverias (ria) lhe ter dito que...”] (BENVENISTE, 2006, p. 88).

Esses interlocutores também marcam um local e um tempo, chamados de índices de ostensão, que são os “termos que implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo”, pois eles “nascem de uma enunciação” e “cada vez eles designam algo novo” (BENVENISTE, 2006, p. 85); são signos vazios, que se preenchem apenas no momento da enunciação. Usualmente são essas as palavras que categorizamos como demonstrativos (em português exemplifica-se por este, esse, aquele etc.) e advérbios de lugar e tempo (aqui, agora, ontem, lá etc.).

O último índice que discutiremos aqui diz respeito ao verbo, o índice temporal. Primeiramente, Benveniste (1991) entende que o tempo verbal não referencia o tempo do mundo, mas o tempo do discurso, ou o presente, e os outros tempos se organizam sempre em referência a ele; o autor sustenta essa afirmação no fato de que, na maioria das línguas conhecidas, o presente tem status elevado.

Já os modos verbais mostram como o falante se sente sobre o enunciado. O modo subjuntivo demonstra um desejo, o imperativo, uma ordem e assim por diante. Percebemos então que o verbo possui muitas marcas subjetivas, mas além disso há distinção entre as pessoas do verbo. Quando “eu juro” é dito, um juramento está sendo feito naquele momento, diferentemente de “ele jura”, que descreve um fato ocorrido. “O essencial é, portanto, a relação

entre o indicador (de pessoa, de tempo, de lugar, de objeto mostrado, etc.) e a presente instância do discurso.” (BENVENISTE, 1991, p. 280)

3.2.2 *Procedimentos acessórios*

Se um texto possui um certo tipo de gíria, podemos supor que o texto foi escrito/pronunciado em uma certa época e em certo local, por exemplo o uso que o gaúcho faz da palavra “guria” para designar criança ou jovem do gênero feminino. O léxico particular de uma variante da língua portuguesa é um exemplo de procedimento acessório. Além do léxico, outros recursos são também entendidos como acessórios, como os sintáticos e os prosódicos (FLORES, 2019, p.159). Eles são sempre da língua específica.

Se expandirmos esse conceito para a língua escrita, poderíamos entender que o modo como o autor usa a sintaxe, os tempos verbais, o vocabulário específico etc. são modos de identificar o sujeito, são suas marcas de subjetividade, que são deixadas nas entrelinhas. Esses são os procedimentos acessórios.

Esses procedimentos, apesar de serem chamados de acessórios, não são menos importantes na hora de analisar um enunciado; são tão relevantes quanto os índices específicos, mas são difíceis de enumerar justamente por serem específicos de cada língua e compostos por todo o arsenal que ela dispõe; diferentemente dos *índices*, que pertencem à faculdade da linguagem e são universais.

3.3 ENUNCIÇÃO E TRADUÇÃO

A partir da teoria da enunciação e dos instrumentos que discutimos acima, começamos a pensar como um texto pode ser analisado. Benveniste nos oferece um aparelho formal que podemos usar para entender, primeiro, o contexto de produção textual; segundo, os papéis do autor e do tradutor nesse processo; e, terceiro, como podemos enxergar o papel do neologismo.

Benveniste não discute a tradução propriamente dita em seus estudos sobre enunciação, por isso, para o fazermos, usaremos como ponto de partida as reflexões de Nunes (2012):

se transpusermos as considerações benvenistianas para o campo tradutório, pensando a tradução como atualização da língua, resulta disso que o tradutor se marca em sua tradução. Dessa forma, a análise do processo tradutório pelo viés enunciativo visa a dar visibilidade à *forma* como o tradutor desenvolveu seu texto [...]. (p. 104)

Entendemos então que um *eu-autor* se enuncia em uma língua e há um *tu-leitor-tradutor* num processo de interlocução com ele. Então, esse tu se torna um *eu-tradutor* para enunciar (em outra língua) em um *aqui* e um *agora* — deixando marcas em seu enunciado — para um *tu-leitor* que está em um outro *aqui* e *agora*. Há aqui um processo de geração de sentidos e escolha deles no momento da transição, o eu-tradutor enunciará para outro tu-leitor o que ele compreende do enunciado no qual foi alocutário.

3.4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Podemos então concluir que o neologismo não é somente a palavra inventada para a Literatura, como o verbo *teadorar* de Manuel Bandeira, é também toda palavra que ganha sentidos novos em diferentes contextos e a que se integra a uma nova língua vinda de outro idioma. O neologismo é uma das amostras mais claras da vivacidade e da dinâmica linguística.

Então, para o presente trabalho, vamos examinar o neologismo formal na Literatura, ou seja, as palavras criadas por escritores para preencher uma lacuna da língua ou até mesmo para dar nome a coisas que não existem no nosso mundo, no nosso tempo.

Juntamente com o aporte teórico da enunciação, podemos analisar os neologismos como marcas da criatividade do autor, da subjetividade dele, deixadas como impressões na história, e mais uma dificuldade com que o tradutor precisa lidar. Mas, diferente de outros trabalhos, que veem o processo por inteiro, nos focaremos em um aspecto específico de análise.

Após a discussão dos textos teóricos, passamos ao próximo capítulo, no qual discorreremos sobre o autor e os tradutores e faremos as análises dos neologismos selecionados.

4 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES

Neste capítulo, discutiremos como a tradução de neologismos pode ser entendida como uma marca de subjetividade do tradutor analisando alguns exemplos presentes no livro *Duna* de Frank Herbert.

O livro *Duna*, o primeiro volume de uma saga de seis, é um clássico da ficção científica especulativa lançado em 1965. A história se passa em um futuro distante, no qual humanos colonizaram o universo e se organizaram em uma espécie de sistema feudal galáctico. Acompanhamos a história de Paul Atreides, filho herdeiro de uma das grandes Casas, quando ele e sua família são designados pelo imperador padixá a um novo planeta, Arrakis, apelidado de Duna por ser um planeta desértico. Enquanto isso, temos uma Casa inimiga que está tentando extinguir os Atreides para retomar o poder sobre o planeta, e Paul é o escolhido que foi profetizado, destinado a libertar o povo oprimido de Arrakis, os *fremen*. Mas por que Arrakis, um planeta deserto, é tão importante? Apenas nele é produzida a especiaria *mélange*, que é usada em quase todas as atividades humanas.

Como é possível perceber nos livros, Frank Herbert preocupou-se em discutir ecologia, religião, filosofia e, algo muito presente no primeiro livro, a exploração do petróleo (alegoricamente representado pela *mélange*) sem consideração real às populações locais (as guerras de “libertação” que os EUA fizeram no Oriente Médio). Nascido em 1920 nos EUA, o autor serviu na marinha durante a Segunda Guerra Mundial, viu os ataques ao Vietnã e presenciou a revolução tecnológica pós-Guerra. Frank estudou diversos assuntos, nunca tendo se formado na universidade porque só cursava as disciplinas que o interessavam. Morreu em 1986, um ano depois de publicar o sexto livro da saga Duna, *Chapterhouse: Dune*.

No Brasil, os seis livros foram publicados pela editora Nova Fronteira, sendo *Duna* publicado em 1984, tendo Jorge Luiz Calife como tradutor. Formado em jornalismo pela Faculdade de Comunicação Hélio Afonso, Jorge Luiz atua como escritor de ficção científica e jornalista, além de ter traduzido grandes nomes do gênero, como Frank Herbert e Isaac Asimov.

Em 2010, a Editora Aleph começou a republicar a saga com uma nova tradução, feita por Maria do Carmo Zanini, que trabalha como *freelancer*, já trabalhou com revisão e editoração, além de ter escrito livros do gênero RPG. Ela tem formação em Ciências Biológicas pela USP e cursou (sem concluir) Bacharelado em Letras pela mesma universidade.

O livro foi escolhido por apresentar diversos neologismos, além de ter mais de uma tradução publicada no Brasil com um grande intervalo de tempo entre elas para podermos

comparar as marcas tradutórias de tradutores diferentes. Nas próximas seções explicamos como foram feitas as seleções dos neologismos analisados.

4.1 METODOLOGIA DE COLETA DOS NEOLOGISMOS

Para realizar a análise qualitativa, selecionamos seis exemplos de neologismos criados pelo autor Frank Herbert tendo como critério de escolha a classificação dos neologismos. Como geralmente neologismos fonéticos se tornam empréstimos na tradução e semânticos tendem a ser traduções simples, decidimos usar apenas neologismos morfossintáticos, que exigiriam o processo de criação no texto de chegada também. Assim, as palavras escolhidas foram: *crysknife*, *glowglobe*, *lasgun*, *ornithopter*, *stillsuit* e *Truthsayer*; todas elas são termos que são citados já no primeiro volume da saga, livro escolhido como referência para o trabalho.

Para que possamos melhor entender os termos e analisá-los, usaremos as descrições presentes no glossário do livro¹¹:

Crysknife: “a faca sagrada dos fremen de Arrakis. É manufaturada em duas formas, a partir dos dentes retirados de carcaças de vermes da areia” (HERBERT, 2017, p.655).

Glowglobe: “dispositivo de iluminação sustentado por suspensores que tem fornecimento de energia próprio (geralmente baterias orgânicas)” (HERBERT, 2017, p. 662).

Lasgun: “projeter laser de onda contínua” (HERBERT, 2017, p. 650).

Ornithopter: “qualquer aeronave capaz de voo sustentado por meio do bater de asas, como fazem as aves” (HERBERT, 2017, p. 665).

Stillsuit: “roupa que envolve o corpo todo, inventada em Arrakis. Seu tecido é um microsanduíche com as funções de dissipar o calor e filtrar os dejetos do corpo. A umidade reaproveitada torna-se disponível por meio de um tubo que vem de bolsas coletoras” (HERBERT, 2017, p. 671).

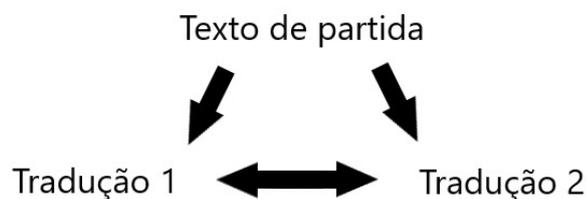
Truthsayer: “uma Reverenda Madre qualificada a entrar no transe da verdade e detectar a falta de sinceridade ou a mentira” (HERBERT, 2017, p. 666).

¹¹ Para referência, usamos a edição de 2017, que possui a mesma tradução de 2010.

4.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS NEOLOGISMO

Para analisarmos os exemplos, utilizaremos a classificação feita por Alves (1994) e os conceitos de índices específicos e procedimentos acessórios de Benveniste (1991; 2006), levando em consideração também o aparelho formal da enunciação e as informações que levantamos sobre os tradutores e o autor.

Como estamos trabalhando com um texto em inglês e duas traduções em português, teremos três momentos de análise que podem ser ilustrados pelo seguinte quadro:



Primeiramente, analisaremos a relação do texto de partida (T_p) com a (cronologicamente) primeira tradução (T_1), depois com a segunda tradução (T_2) e enfim a relação das duas traduções para podermos observar as estratégias de cada um e as diferenças entre eles.

4.3 A PRIMEIRA TRADUÇÃO

Jorge Luiz Calife traduziu em 1984 o primeiro volume. Pensando sobre o quadro formal da enunciação, entendemos o tradutor, primeiramente, como o *tu* que leu o enunciado escrito pelo *eu*, Frank Herbert, e então como o *eu* que enuncia sua tradução, enquanto o leitor, ou público-alvo, seria o *tu*, pois é para quem o *eu* está traduzindo. A Editora Nova Fronteira não se define como uma editora de gênero específico, mas que possui um “catálogo de excelência [que] conta com cerca de 2.000 títulos de autores consagrados da literatura nacional [...] e internacional [...], assim como traduções primorosas de clássicos universais”¹², podemos entender assim que o público-alvo (da editora) é geral, o que pode afetar como o eu-tradutor percebe o tu-leitor. Também é preciso considerar que a tradução foi feita em 1984, quando se via tradução muito mais como um exercício de “passar de uma língua para a outra” e o tradutor como o instrumento para tal.

¹² Trecho retirado do site oficial da editora. Disponível em: <<https://www.ediouro.com.br/selos/nova-fronteira>>.

Passemos então à tradução dos neologismos.

Quadro 1 — Traduções neológicas de Jorge Luiz Calife

Neologismos do T _p	Neologismos do T ₁
<i>Crysknife</i>	Faca cristalina
<i>Glowglobe</i>	Brilhoglobo
<i>Lasgun</i>	Arma laser
<i>Ornithopter</i>	Ornitóptero
<i>Stillsuit</i>	Traje-destilador
<i>Truthsayer</i>	Reveladora da Verdade

Fonte: Elaboração própria

Percebemos aqui várias abordagens de tradução.

Brilhoglobo, traje-destilador e ornitóptero são neologismos de composição, tanto em inglês quando em português brasileiro. O primeiro é uma tradução palavra por palavra do termo, gerando um neologismo morfossintático de composição, assim como sua contrapartida inglesa; o segundo é uma tradução que nos parece facilitar o entendimento do que é o traje, pois já informa o que ele faz: a destilação; e o terceiro é uma adaptação gráfica, já que a composição é feita por dois termos do grego, *ὄρνιθ-* [*órnith-*] “pássaro” e *πτερόν* [*pterón*] “asa”.

Arma laser e faca cristalina, que eram neologismos morfossintáticos em inglês, são traduzidos por sintagmas compostos por mais de uma palavra em português brasileiro. Já *crysknife* e *lasgun* são composições com abreviação do primeiro elemento (*crys[tal]* e *las[er]*). Como discutimos no capítulo 2, uma das estratégias de tradução de neologismo é justamente a não criação de um termo, mas uma paráfrase, priorizando-se assim o sentido e não a forma.

E por último, temos a Reveladora da Verdade, neologismo formado por composição sintagmática, tradução de *Truthsayer*, um composto sem apagamento de um dos termos. Em todas as vezes que esse termo é usado, o sintagma todo é citado, nunca só Reveladora — além do fato de esse ser o título de uma pessoa —, por isso o entendemos como neologismo, diferente de arma laser e faca cristalina que são sintagmas. Outro ponto interessante a ser notado nesse último exemplo é a escolha das palavras. O tradutor optou por reveladora para traduzir *sayer* (que significa “aquele que diz/fala”).

4.4 A SEGUNDA TRADUÇÃO

Na tradução de 2010 da Editora Aleph, feita por Maria do Carmo Zanini, temos outra situação. Passados 45 anos desde a publicação do original, a saga Duna já havia sido adaptada para o cinema, Frank Herbert já havia falecido e seu legado estava bem consolidado.

Para pensarmos sobre o *tu* desta tradução, devemos pensar sobre o projeto da editora também, pois ele pode influenciar na tradução. A Aleph é conhecida por publicar os grandes clássicos da ficção científica, ou seja, uma editora preocupada em agradar um público específico. Juntamente com a experiência que a tradutora tem com produtos do universo *geek*, podemos supor que isso influencie na tradução.

Quadro 2 — Traduções neológicas de Maria do Carmo Zanini

Neologismos do T _p	Neologismos do T ₂
<i>Crysknife</i>	Dagacris
<i>Glowglobe</i>	Luciglobos
<i>Lasgun</i>	Armalês
<i>Ornithopter</i>	Ornitóptero
<i>Stillsuit</i>	Trajestilador
<i>Truthsayer</i>	Proclamadora da Verdade

Fonte: Elaboração própria

Temos algumas estratégias e todos os termos foram mantidos como neologismos. A tradutora criou luciglobos, armalês, dagacris e trajestilador, todos neologismos por composição com apagamento¹³ de um dos termos, exceto luciglobos, que junta a palavra latina *lux* (luz) à globo. Os termos que sofrem apagamento são sempre o segundo da composição: lêiser, cristal, destilador. O que mais chama a atenção é a escolha de uma formação erudita para traduzir *glowglobes* — que em inglês é formado por palavras cotidianas. Por que resgatar um radical latino para a tradução? Talvez seja justamente o conhecimento prévio da tradutora agindo. Maria do Carmo é bióloga formada e estudou Letras também, ela muito provavelmente teve contato com o estudo da língua latina nos dois cursos e sabe que muitas palavras portuguesas

¹³ Apagamento de um dos termos não parece ser algo comum na criação neológica brasileira, já que não encontramos citação sobre o assunto em Alves (1994).

ainda são formadas com o auxílio de radicais gregos e latinos. Por exemplo televisão, formada com o radical grego *τῆλε* [*téle*], que significa à distância.

A tradução de *Truthsayer* é um composto sintagmático, Proclamadora da Verdade. *Sayer*, como já explicamos, é aquele que diz/fala, derivado do verbo *say*, dizer/falar; em português brasileiro, há faladora, que seria um termo próximo, mas que geralmente é usada em contextos pejorativos. Maria do Carmo opta por proclamadora, que dá um tom mais formal ao termo.

4.5 AS MARCAS DOS TRADUTORES

Enfim, olhemos para as duas traduções em contraste.

Quadro 3 — Traduções dos neologismos

Neologismos do T _p	Neologismos do T ₁	Neologismos do T ₂
<i>Crysknife</i>	Faca cristalina	Dagacris
<i>Glowglobes</i>	Brilhoglobos	Luciglobos
<i>Lasgun</i>	Arma laser	Armalês
<i>Ornithopter</i>	Ornitóptero	Ornitóptero
<i>Stillsuit</i>	Traje-destilador	Trajestilador
<i>Truthsayers</i>	Reveladora da Verdade	Proclamadora da Verdade

Fonte: Elaboração própria

As diferenças são visíveis. A única palavra que tem apenas uma tradução foi justamente ornitóptero, a palavra que é formada por raízes que são também estrangeiras ao inglês, talvez justamente por esse empréstimo das partes em ambas as criações. A partir das análises, podemos imaginar que, enquanto a T₂ prioriza criar neologismos, a T₁ parece importar-se menos com a forma do que com o sentido.

O foco de Jorge Luiz (T₁), pensamos, é justamente fazer com que o leitor geral possa entender os neologismos sem grandes dificuldades, não focando em um público específico. Ele escreve/traduz/enuncia para um público que parece não ter familiaridade com a história e nem com essas formações neológicas; diferentemente de Maria do Carmo (T₂), que parece escrever para um público já familiarizado com a história e pode criar neologismos mais livremente.

Vemos também duas traduções do termo *Truthsayer*. Reveladora e Proclamadora. De um lado, há algo místico, alguém que alcança uma verdade que se encontra inalcançável aos

outros e a revela; do outro, alguém que proclama, que conta uma verdade, mas não necessariamente a única verdade. Parece-nos que, se uma reveladora mente, há muito mais impacto do que se uma proclamadora mente.

Podemos entender que justamente *Truthsayer* é o termo mais marcado em português brasileiro talvez porque o termo *sayer* é o único que não tem tradução direta. Aqui os tradutores estão explicitamente marcados, eles tiveram que usar todo seu conhecimento da história do livro e de terminologia para escolher uma palavra que pudesse dar conta dos possíveis sentidos de *sayer*.

Todas as suas escolhas tradutórias estão marcadas pelos seus conhecimentos e compreensão, mas é na tradução de *Truthsayer* que vemos uma marca mais explícita da subjetividade do tradutor, pois eles enunciam o que compreenderam da primeira enunciação, do primeiro texto, e as duas escolhas, reveladora e proclamadora, parecem vir diretamente relacionadas a isso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos analisar, cada tradutor tem um tipo de escolha na hora de traduzir o neologismo. Um foca mais no sentido, o outro tenta conciliar forma e sentido, espelhando-se no texto de partida. Considerando que para cada escrita do texto, seja o de partida ou suas traduções, há uma escolha pessoal do autor/tradutor, cada tradutor escolheu traduzir a partir de uma interpretação da história que teve ao ler o texto de partida e assim o explicitou no seu texto de chegada. As traduções de *Truthsayer*, Reveladora da Verdade e Proclamadora da Verdade, são o maior exemplo disso.

Em outras palavras, o tradutor parece sempre ter um público-alvo em mente quando traduz, levando-nos assim a perceber um quadro formal como o descrito por Benveniste (2006). Pensando o processo de escrita sendo composto por um quadro formal de enunciação — tendo *eu* como o escritor, *tu* como o leitor, o *aqui-agora* como o momento/contexto da escritura —, temos então o neologismo como uma marca de subjetividade, um dos procedimentos acessórios (não só dos tradutores, como também do autor), juntamente com as outras escolhas lexicais, sintáticas etc. que o autor/tradutor fez durante o processo e que ficam marcadas no texto.

Além disso, vemos o neologismo como atualizador da própria língua. Sua principal característica é justamente o de atualizar conceitos antigos e testar as bases de formação que preexistem no idioma. O neologismo é o cerne da mudança linguística. Toda palavra criada ou emprestada é um neologismo até que seja finalmente incorporada e deixe de ser sentida como tal pelos falantes.

Esperamos que o trabalho tenha contribua para a discussão acerca da subjetividade na tradução, assim como elucide a importância do neologismo nos estudos da linguagem por seu caráter renovador e atualizador.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo - Criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak; Maria Luiza Neri. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1991. p. 277-283.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak; Maria Luiza Neri. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1991. p. 284-293.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Tradução de Marco Antônio Escobar. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. p. 81-90.

BUSCA no Vocabulário. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, c2009. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 26 de mar. de 2019.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1984.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. *Dicionário de lingüística*. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix Ltda., 1978.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. Teoria da Enunciação. In: ROMERO, Márcia; GOLDNADEL, Marcos; RIBEIRA, Pablo Nunes; FLORES, Valdir do Nascimento. *Manual de Linguística - Semântica, pragmática e enunciação*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. p. 145-173.

FRANK Herbert. *The Official Dune Website*, c2009. Disponível em: <<https://www.dunenovels.com/author/frank-herbert>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

HERBERT, Frank. *Duna*. Tradução de Jorge Luiz Calife. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 1984.

HERBERT, Frank. *Duna*. Tradução de Maria do Carmo Zanini. 2. ed. São Paulo: Aleph Ltda., 2017.

HERBERT, Frank. *Dune*. New York: Chilton Book co., 1965.

KNIGHT Bus. *Harry Potter Fandom*. Disponível em: <https://harrypotter.fandom.com/wiki/Knight_Bus>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

NÔITIBUS Andante. *Harry Potter Fandom*. Disponível em:
<https://harrypotter.fandom.com/pt-br/wiki/N%C3%B4itibus_Andante>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

NOVA Fronteira. *Ediouro*. Página sobre. Disponível em:
<<https://www.ediouro.com.br/selos/nova-fronteira>>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

NUNES, Paula Ávila. *A prática tradutória em contexto de ensino (re)vista pela ótica enunciativa*. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 237. 2012.

REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos; BEVILACQUA, Cleci Regina. Neologia tradutória. *Conexão Letras*, v. 7, n. 7, p. 9-18, 2012.

RICHARDS, Jack C.; PLATT, John; PLATT, Heidi. *Dictionary of language, teaching & applied linguistics*. 2. ed. England: Pearson Education Limited, 1992.

RODRIGUES, Sérgio. Deletar, este verbo ninguém deleta mais. *Sobre Palavras*, 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/deletar-este-verbo-ninguem-deleta-mais/>>. Acesso em: 26 de mar. de 2019.

SABBAG, Eduardo de Moraes. “O recurso improvido tornou-se imexível”. A frase está correta?. *Jornal Carta Forense*, 2010. Disponível em:
<<http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/o-recurso-improvido-tornou-se-imexivel--a-frase-esta-correta/5656>>. Acesso em: 24 de jun. de 2019.

TELEVISÃO. *Wikcionário*, 2017. Disponível em:
<<https://pt.wiktionary.org/wiki/televis%C3%A3o>>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

ὄPNIS. *Wiktionary*, 2019. Disponível em:
<https://en.wiktionary.org/wiki/%E1%BD%84%CF%81%CE%BD%CE%B9%CF%82#Ancient_Greek>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.

ΠΤΕΡΟΝ. *Wiktionary*, 2019. Disponível em:
<https://en.wiktionary.org/wiki/%CF%80%CF%84%CE%B5%CF%81%CF%8C%CE%BD#Ancient_Greek>. Acesso em: 30 de jun. de 2019.